



OS COLARES SAGRADOS DA MEMÓRIA: SÍMBOLOS DE CONEXÃO ENTRE ÁFRICA E BRASIL NO CANDOMBLÉ DA BAHIA

Luciano Lima Souza¹

Marcello Moreira²

Daisy Laraine Moraes de Assis³

O presente texto tem como objetivo realizar reflexões acerca dos fios de contas, também conhecidos pela tradição dos candomblés de matriz yorubana da Bahia como ilequês, colares sagrados que apontam de maneira simbólica para a identidade religiosa, a comunicação, o poder, a defesa e a hierarquia dos membros dessa tradição religiosa originária da África. Os ilequês, enquanto símbolos de conexão entre África e Brasil, - são portadores de múltiplos significados, muitas vezes ecoam de suas estruturas, pois participam de um sistema em que cada objeto tem função, finalidade e representação em relação ao sagrado, porque são produtos de rituais. Os ilequês, nesse estudo, se colocam como símbolos da memória de um grupo, transmitida de geração para geração. Deste modo, ao relacionar memória com grupos singulares, observa-se uma categoria a ser analisada dentro desse conceito: a Memória Religiosa. Esta tipologia destaca-se por ter sua estrutura dentro de um contexto tempo-espacial que se reafirma através de símbolos, de ritos e de mitos que se constituem numa rede de interações, diálogos e conexões entre o candomblé da Bahia e a sua origem africana. Neste sentido, analisa-se de que maneira se dá o funcionamento da memória através do uso dos ilequês, no âmbito do candomblé nagô, considerando que a memória traz representações que possibilitam ao indivíduo criar imagens que correspondem a quadros de significação que fazem referência ao presente a partir das experiências vivenciadas no passado. Ela está pautada também nas experiências coletivas que cada indivíduo vivencia no seu lugar social. Assim, a dimensão simbólico-religiosa dos ilequês caracteriza e condiciona a relação entre os sujeitos e o seu grupo social, marcando, assim, as interfaces entre religião de matriz africana, memória, cultura

1 Doutorando em Memória pelo Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

2 Doutor em Literatura Brasileira - USP, Mestre em Filologia e Língua Portuguesa - USP. Professor de Literatura Brasileira da UESB. Pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da UESB. Endereço eletrônico: moreira.marcello@gmail.com

3 Doutoranda em Memória: Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Atualmente é professora assistente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Endereço eletrônico: daisy.assis@superig.com.br



e identidade. Nesta perspectiva, percebe-se no decorrer desse estudo um processo de dinâmica e vitalidade na perpetuação das tradições religiosas do candomblé, pois, apesar de procurarem manter a ligação às suas origens africanas, não deixam de considerar os contextos sociais impostos pela pós-modernidade e as suas expectativas de continuidade e atualização para o futuro. Nestas condições, o Candomblé procura responder a esses processos de transformação na vida moderna com as adaptações necessárias, sem perder com isso a sua essência matricial. Nos espaços sociais religiosos, no caso, nos candomblés, quase tudo que se vê e que, aos olhos menos atentos, pode aparentar ser tão somente um enfeite, um ornamento, um artefato, quando inseridos num contexto ritual, apresentam múltiplos significados, ainda que não possam ser imediatamente apreendidos por aqueles que não fazem parte daquele grupo social. Assim, nos candomblés de matriz yorubá da Bahia, todo símbolo sagrado está, necessariamente, remetido a um ritual que o metamorfoseou, mesmo que, de maneira abstrata, possibilitando o afloramento nos seus elementos materiais constitutivos, dos seus significados mais profundos. Através dos rituais, o símbolo transforma-se em símbolo sagrado, reconhecido e legitimado pelos sujeitos sociais que o confeccionaram, através dos ritos mágico-religiosos, nos quais: memória, tradição e magia, numa relação inconteste, foram responsáveis pela perpetuação de uma herança ancestral, presente na memória coletiva daquele grupo e impregnada em seus símbolos, atribuindo, dessa forma, aos seus sujeitos, uma identidade que marcam seu *status* de pertencimento na hierarquia social. O símbolo sagrado, então, além de comportar uma significação imediata, apresenta, também, múltiplos sentidos, *“que transfiguram a realidade material e garante, assim, uma mediação entre o cotidiano do homem de onde provém este sinal e uma realidade que o ultrapassa”* (MESLIN, 2014, p. 225). Torna-se claro, assim, que aquilo que permite ao símbolo exprimir uma significação religiosa, tornar-se um símbolo sagrado, no caso deste estudo, os ilequês, é o fato de estabelecer uma relação entre a memória e a tradição do grupo social na qual o sujeito está inserido, apontando para o seu pertencimento e identidade sociais. É nesse sentido que o presente texto investiga o funcionamento da memória, enquanto mecanismo de preservação e perpetuação do conhecimento tradicional ancestral, transmitidos de geração em geração, através dos fundamentos mágico-religiosos, utilizados nos rituais de confecção dos ilequês, buscando, assim, revelar a lógica de significação/identidade desses símbolos sagrados, no âmbito do candomblé nagô. Assim, certos grupos de símbolos se mostram coerentes e encadeados logicamente entre si e, por isso, são passíveis de serem formulados sistematicamente, traduzidos e revelados, em termos racionais (CIRLOT, 1984). Vale ressaltar, entretanto, que ao se propor revelar os significados de um objeto simbólico



sagrado, *“sempre resta algo intraduzível, pois o símbolo aponta para algo que está ausente, representando-o, mas sem apreender todas as suas possibilidades”* (CIRLOT, 1984, p. 5), é um marco visível de algo que não se encontra ali concretamente, no entanto, algo que pode ser nele percebido e acessado. Reduzir ou especificar extremamente o sentido de um símbolo sagrado pode conduzir a degradação do sua significação que sempre apresenta uma dinâmica de (re)atualização da memória coletiva e do conhecimento tradicional, de acordo com a configuração social do grupo, no espaço e no tempo onde estão inseridos. Desse modo, ora essa dinâmica pode separar ora essa dinâmica pode unir os significados àquilo que o símbolo sagrado representa e significa. Nesse sentido, é muito comum a utilização dos símbolos para explicar aquilo que não está próximo da compreensão humana, pois *“os símbolos apontam direções diferentes daquelas que percebemos com a nossa mente consciente; e, portanto, relacionam-se com coisas inconscientes, ou apenas parcialmente conscientes”* (JUNG, 2002a, p. 90). O texto, também, utiliza-se do conceito de identidade para referir-se ao ponto de “convergência”, de “encontro” e de “sutura” entre os discursos e as práticas, por um lado, e os sujeitos sociais e suas particularidades, por outro, produzindo-se, a despeito de atritos entre os sujeitos e a coletividade de que participam, a sua estabilização em mundos compreendidos como cultura. Assim, a identidade, então, conecta o sujeito à estrutura, estabilizando tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam. Este estudo se inscreve na abordagem qualitativa (MINAYO, 1994), pois procura responder a questões muito particulares, preocupando-se com um nível de realidade que não pode ser quantificado/qualificado, ou seja, trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, correspondendo a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos, que não podem ser simplesmente reduzidos à operacionalização de variáveis aritméticas/matemáticas. O texto está dividido em três partes: a primeira destaca as reflexões sobre Memória Coletiva e Memória Religiosa; em seguida discute-se sobre a concepção de símbolo sagrado e sua relação com a cultura, a interação e a identidade no candomblé; por fim, analisa-se a utilização dos ilequês como importante símbolo religioso que um determinado grupo social criou e utiliza para facilitar a comunicação e a regulação do comportamento dos seus sujeitos. Percebe-se, desta forma, que as contribuições culturais herdadas do continente africano, durante o tráfico de escravos, marcaram, sobremaneira, o modo de ser e estar no candomblé da Bahia, pois, durante a travessia do Atlântico, aportaram no Brasil os negros, suas subjetividades e imaginário, que foram misturados a índios e europeus, obrigando-os a se adaptar no Brasil **“a universos fragmentados e fraturados” e a viver “situações precárias, instáveis e imprevisíveis”** (GRUZINSKI, 2001), moldando, dessa maneira, um



perfil de diversidade na constituição da religião afro-brasileira.

Palavras-chave: Memória. Candomblé. Símbolo Sagrado. Identidade.

REFERÊNCIAS

BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. **Modernidade reflexiva:** trabalho e estética na ordem social moderna. São Paulo: Unesp, 1997.

BORNHEIN, Gerd A. O conceito de tradição. In: NOVAES, Adauto (Org.). **Cultura Brasileira:** Tradição/Contradição. São Paulo: Zahar, 1997. pp. 15-29.

ELIAS, Nobert. **Teoria Simbólica.** Oeiras: Celta Editora, 1994.

GIDDENS, Anthony. **As Conseqüências da Modernidade.** São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GRUZINSKI, Serge. **O Pensamento Mestiço.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HALBWACHS, Maurice. **Los Marcos Sociales de la memoria.** Barcelona: Antropos Editorial; Concepción: Universidad de la Concepción; Caracas: Universidad Central de Venezuela, 2004.

_____. **A Memória Coletiva.** São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade.** São Paulo: DP&A Editora, 2000.

HOBBSAWM, Eric. "Introdução" In: HOBBSAWM, Eric. RANGER, Terence. **A Invenção das tradições.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

MESLIN, Michel. **Fundamentos de antropologia religiosa:** a experiência humana do divino / Michel Meslin; tradução de Orlando dos Reis. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MINAYO, M. C. S. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

PARÉS, Luis Nicolau. **A Formação do Candomblé:** história e ritual da nação jeje na Bahia. 2ª ed. Ver. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007.